lealdade mortal

j. d. robb

Tradução de Georgina Torres

CHÁ DAS CINCO
Livros com sexto sentido

Para Vanessa Darby
porque quero muito ir para o Céu

Como moscas para rapazes lascivos,
assim somos nós para os deuses;
Matam-nos por divertimento.
— Shakespeare

A política, tal como a palavra é normalmente entendida,
é sinónimo de corrupção.
— Jonathan Swift

Prólogo

Caro Camarada,
Nós somos Cassandra.
Já começou.

Tudo aquilo por que trabalhámos, por que treinámos, por que fizemos tantos sacrifícios, foi aplicado. Uma alvorada após tão extenso crepúsculo. Os objetivos estabelecidos há mais de trinta anos serão alcançados. As promessas feitas serão cumpridas. E o sangue do mártir outrora derramado será finalmente vingado.

Sabemos que está preocupado. Sabemos que está cauteloso. É isto que faz de si um general sábio. Pode estar certo que seguimos os seus conselhos e avisos à letra. Não violamos a suspensão desta guerra honrada e amargurada com uma batalha que pretendemos perder. Estamos bem equipados, a nossa causa bem financiada, e todos os passos e opções foram considerados.

Enviamos-lhe esta transmissão, caro amigo e Camarada, enquanto nos preparamos alegremente para continuar a nossa missão. As primeiras gotas de sangue já foram derramadas e nós regozijamo-nos. As circunstâncias colocaram-nos no caminho um adversário que o General consideraria de peso. Anexámos a esta transmissão um dossiê sobre a Tenente Eve Dallas, da dita Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque para que se possa familiarizar com esta adversária.

Por intermédio da derrota desta inimiga, a nossa vitória será mais

saborosa. Afinal de contas, ela é outro símbolo do sistema corrupto e opressivo que destruiremos.

Foi o seu sábio conselho que nos trouxe até aqui. Vivemos entre os peões patéticos de uma sociedade fraca, usando falsos sorrisos enquanto troçamos da sua cidade e do seu sistema repressivo e decadente. Para esta gente cega nós tornámo-nos iguais a eles. Ninguém nos coloca em causa quando nos deslocamos nestas ruas imorais e imundas. Somos invisíveis, uma sombra entre sombras, como você, e aquele que ambos adorávamos, nos ensinaram que deve ser um soldado astuto.

E quando tivermos destruído, um por um, os símbolos desta sociedade sobrealimentada, demonstrando o nosso poder e o nosso plano lúcido para o novo reino, eles estremecerão. Ver-nos-ão e lembrar-se-ão dele. O primeiro símbolo da nossa vitória gloriosa será um monumento erigido em sua honra. À sua imagem.

Nós somos leais e a nossa memória é grande.

Amanhã ouviremos o primeiro troar da batalha.

Fale de nós a todos os patriotas, a todos os leais.

Nós somos Cassandra.

Capítulo 1

Nessa noite específica morreu um pedinte, sem que ninguém desse conta, sob um banco em Greenpeace Park. Um professor de História jazeu ensanguentado, degolado, a cerca de um metro da porta de sua casa, morto pelos doze créditos que trazia no bolso. Uma mulher soltou um último grito engasgado, esmagada sob os punhos do seu amante.

E ainda insatisfeita, a morte desenhou círculos com o seu dedo ossudo e depois espetou-o alegremente entre os olhos de um tal J. Clarence Branson, de cinquenta anos, copresidente da Branson Toys & Tools.

Fora rico, solteiro e bem-sucedido, um homem bem-humorado com motivos para tal, pois era coproprietário de uma grande empresa interplanetária. O segundo filho e a terceira geração da família Branson a facultar ao mundo, e seus satélites, ferramentas e diversões, vivera em grande.

E morrera da mesma forma.

O coração de J. Clarence fora furado com um dos seus berbequins portáteis multipotentes pela sua amante de olhar gélido que o pregara à parede, comunicara o incidente à Polícia e depois, calmamente, se sentara a beber clarete até os primeiros agentes chegarem ao local.

Ela continuou a beber, bem aconchegada num cadeirão de costas altas em frente a uma lareira gerada por computador, enquanto a Tenente Eve Dallas examinava o corpo.

— Está mortinho da silva — disse friamente a Eve. Ela chamava-se Lisbeth Cooke e ganhava a vida como executiva de publicidade na empresa do seu falecido amante. Tinha quarenta anos, era elegantemente atraente e uma excelente profissional. — O *Branson 8000* é um ótimo produto, concebido para agradar ao profissional e ao curioso. É muito potente e preciso.

— Uh-huh. — Eve examinou a cara da vítima. Bem tratada e bonita, apesar de a morte lhe ter desenhado um olhar de surpresa perplexa e amargurada na cara. O sangue ensopava o peito do seu roupão de veludo azul e formava uma poça lustrosa no chão. — Neste caso serviu perfeitamente. Lê os direitos à Sra. Cooke, Peabody.

Enquanto a sua auxiliar tratava do assunto, Eve verificou a hora e causa da morte para ficar registado. Apesar da confissão voluntária, a investigação seguiria os trâmites habituais. A arma seria levada como prova, o corpo recolhido e autopsiado, e o local do crime isolado.

Gesticulando para que a equipa de criminologistas avançasse, Eve atravessou a carpete de tom vermelho-real, sentou-se em frente a Lisbeth, diante da fogueira que crepitava e emitia calor e luz exuberantes. Durante um instante não disse nada, esperando alguns momentos para ver a reação que obteria da morena elegante, com sangue fresco salpicado de modo garrido no seu fato-macaco de seda amarelo.

A única coisa que recebeu foi um olhar educadamente inquisitivo. — Pois bem… quer contar-me o que se passou?

— Ele andava a trair-me — disse Lisbeth sem qualquer emoção. — Matei-o.

Eve estudou os olhos verdes firmes e viu raiva, mas nada de choque ou remorsos. — Discutiram?

— Trocámos algumas palavras mais acesas. — Lisbeth levou o clarete aos lábios grossos, pintados do mesmo tom opulento do vinho. — A maior parte delas vindas de mim. O J.C. era fraco de cabeça. — Ela encolheu os braços e a seda sussurrou. — Eu aceitava isso, até achava enternecedor de certa forma. Mas nós tínhamos um acordo. Dei-lhe três anos da minha vida.

Agora ela estava inclinada para a frente, com os olhos a faiscar de raiva por detrás da frieza. — Três anos em que eu podia ter seguido outros interesses, outros acordos, outras relações. Mas eu fui-lhe fiel. Ele não.

Ela inspirou e voltou a recostar-se, quase sorrindo. — E agora está morto.

— Sim, essa parte já percebemos. — Eve ouviu o barulho incomodativo da equipa a tentar tirar a longa broca de aço da carne e osso. — Trouxe o berbequim consigo, Sra. Cooke, com a intenção de o usar como arma?

— Não, é do J.C. Ele volta e meia arranja umas coisas. Deve ter andado a arranjar alguma coisa — matutou ela, olhando casualmente para o corpo que a equipa de criminologistas retirava agora da parede num *ballet* hediondo de movimentos. — Vi-o em cima da mesa e achei que era perfeito, não? Por isso, peguei nele e liguei-o. E usei-o.

Mais simples não podia ser, pensou Eve, e levantou-se. — Sra. Cooke, estes agentes vão levá-la para a Central de Polícia. Lá, far-lhe-ei mais perguntas.

Obsequiosamente, Lisbeth tragou o resto do clarete e depois colocou o copo de lado. — Vou só buscar o meu casaco.

Peabody abanou a cabeça quando Lisbeth vestiu um casaco comprido preto, de marta, sobre as suas sedas ensanguentadas e saiu escoltada por dois agentes com toda a fanfarronice de uma mulher que sai para o seu próximo compromisso social.

— Caramba, há gente para tudo. Espetou um berbequim no homem e depois entrega-nos o caso de bandeja.

Eve vestiu o seu blusão de cabedal e pegou no *kit* de campo. Teve o cuidado de usar solvente para limpar o sangue e selante das mãos. Os criminologistas terminariam o trabalho e isolariam o local do crime. — Nunca vou conseguir que ela apanhe homicídio qualificado. Foi isso que aconteceu, mas de certeza que vai passar para homicídio involuntário no espaço de quarenta e oito horas.

— Homicídio involuntário? — Genuinamente chocada, Peabody abriu a boca olhando para Eve ao entrarem no elevador com mosaicos para descerem até ao átrio. — Não acredito, Dallas.

— Pois podes acreditar. — Eve olhou para os olhos negros e sinceros de Peabody, estudou a sua cara quadrada e estupefacta sob o seu cabelo cortado à tigela e chapéu de polícia. E quase teve pena de destruir aquela firme crença no sistema. — Se se provar que o berbequim era da vítima, então ela não foi armada. Isso exclui premeditação. Agora está dominada pelo orgulho e por uma boa dose de loucura, mas após algumas horas numa cela, se não for antes, o instinto de sobrevivência vai fazer efeito e ela vai pedir um advogado. É inteligente, por isso, vai arranjar um advogado inteligente.

— Sim, mas sabemos que o matou com intenção. Matou com malícia. Ela acabou de o declarar.

Isso era o que se encontrava escrito na lei. Por muito que Eve acreditasse nela, sabia que muitas páginas estavam esborratadas. — E ela não tem de negar nada, só tem de adornar a coisa. Eles discutiram. Ela ficou de rastos, alterada. Talvez ele a tenha ameaçado. Num momento de paixão, ou possivelmente medo, ela pegou no berbequim.

Eve saiu do elevador e atravessou o largo átrio de colunas de mármore cor-de-rosa e árvores ornamentais lustrosas. — Capacidade diminuída temporária — continuou ela. — Possivelmente um argumento de legítima defesa, apesar de ser mentira. Mas Branson devia medir quase um metro e noventa e pesaria uns noventa quilos e ela mede um metro e sessenta e cinco e pesa uns cinquenta e dois quilos. Essa desculpa pode pegar. Depois, em estado de choque, conta imediatamente à Polícia. Não tenta fugir nem negar o que fez. Assume a responsabilidade, o que cai bem junto dos jurados, se for caso disso. O advogado da Procuradoria-Geral sabe disso e assim vai acabar por aceitar um desagravamento do crime.

— Que chatice.

— Ela vai presa — disse Eve enquanto saíam para o frio tão amargo como a amante desprezada detida. — Vai perder o emprego, vai gastar uma boa quantia de créditos com o advogado. Tudo isso é castigo.

Peabody olhou para a carrinha da morgue. — Este devia ser tão fácil.

— Muitas vezes os fáceis são os mais complexos. — Eve sorriu ligeiramente ao abrir a porta do seu veículo. — Anima-te, Peabody, vamos encerrar o caso e ela não se vai safar. Às vezes, é o melhor que se arranja.

— Ela não o amava. — Peabody encolheu os ombros perante a sobrancelha arqueada de Eve. — Notava-se. Ela só ficou lixada porque ele andou a pular a cerca.

— Sim, e ela aparafusou-o à parede, literalmente. Por isso, não te esqueças, a lealdade é importante. — O *link* do carro tocou assim que ela ligou o motor. — Fala Dallas.

— Olá, Dallas. É o Ratso.

Eve olhou para a cara de furão e olhos azuis pequeninos no ecrã. — Nunca diria.

Ele fez uma inspiração ruidosa que quase pareceu uma risada. — Sim, pois. Ouça, Dallas, tenho uma coisa para si. Que tal se nos encontrássemos para falar? Pode ser? Sim?

— Vou para a Central, tenho trabalho para fazer. E o meu turno acabou há dez minutos, por isso…

— Tenho uma coisa boa para si. Dados bons. Que valem alguma coisa.

— Sim, dizes sempre isso. Não me faças perder tempo, Ratso.

— É uma cena boa. — Os olhos azuis mexiam-se como berlindes na sua cara magra. — Posso estar no The Brew daqui a dez minutos.

— Dou-te cinco minutos, Ratso. Tenta ser coerente.

Ela terminou a ligação, desviou-se do passeio e seguiu para a Baixa.

— Lembro-me dele dos ficheiros — comentou Peabody. — Era um dos seus informadores.

— Sim, e acabou de cumprir noventa dias de cadeia por embriaguez e conduta desordeira. Consegui que não fosse acusado de atentado ao pudor. O Ratso gosta de exibir a sua personalidade quando está bêbedo. Não faz mal a ninguém — acrescentou Eve. — Essencialmente é um bazófia, mas de vez em quando arranja dados de jeito. O The Brew fica a caminho e a Cooke pode esperar um pouco. Processa o número de série da arma do crime. Vamos verificar se pertencia mesmo à vítima. E depois procura os parentes mais próximos. Eu notifico-os assim que a Cooke estiver presa.

A noite estava límpida e fria, com um vento intenso a estalar pelos desfiladeiros urbanos abaixo e a afugentar a maioria dos transeuntes. Os vendedores dos carros ambulantes resistiam, tremendo no vapor e fedor dos cachorros-quentes de soja, esperançosos de que aparecessem algumas almas esfomeadas suficientemente corajosas para enfrentar o gelo de fevereiro.

O inverno de 2059 fora brutalmente frio e os lucros tinham diminuído.

Deixaram o bairro fino de Upper East Side com os seus passeios limpos e conservados e porteiros fardados, e seguiram para sudoeste, onde as ruas eram mais estreitas e barulhentas, e os locais andavam depressa, de olhos postos no chão e os punhos sobre as carteiras.

Esmagados contra os passeios viam-se restos da última queda de neve, cinzenta e feia. Bocados perigosos de gelo ainda cobriam a calçada e aguardavam os incautos. Lá no alto, um cartaz pendia com um mar azul quente cingido por areia branca como açúcar. A loura peituda a brincar nas ondas pouco mais trazia do que o seu bronzeado e convidava Nova Iorque a divertir-se nas ilhas.

Eve entreteve-se a pensar numa escapadinha de alguns dias na ilha de Roarke. *Sol, areia e sexo*, pensou ela ao escapar ao trânsito mal-humorado de fim do dia. O seu marido proporcionar-lhe-ia estas três coisas com prazer e ela estava prestes a sugeri-lo. Talvez daqui a uma ou duas semanas, decidiu ela. Quando tivesse despachado alguma papelada, feito umas comparências em tribunal e resolvido coisas pendentes.

Assim, admitiu ela, sentia-se um pouco mais segura estando longe do trabalho.

Recentemente perdera o distintivo, e quase perdera o rumo, e ainda não esquecera essa dor. Agora que recuperara ambas as coisas, não estava preparada para deixar de lado o dever por uma breve indulgência.

Quando encontrou um lugar para estacionar na rampa de rua do segundo piso perto do The Brew, Peabody já tinha os dados solicitados. — Segundo os números de série, a arma do crime pertencia à vítima.

— Então começamos por pedir homicídio simples — disse Eve enquanto desciam até à rua. — O advogado da Procuradoria-Geral não vai perder tempo a tentar provar premeditação.

— Mas acha que ela foi lá para o matar.

— Sem dúvida. — Eve atravessou o passeio até às luzes baças de uma caneca de cerveja animada com espuma suja a escorrer pelos lados.

The Brew era especializado em bebidas baratas e aperitivos fora de prazo. A sua clientela incluía trafulhas com azar, funcionários de nível baixo pouco amigos de trabalhar e acompanhantes registadas baratas que os perseguiam, bem como um grupinho de aldrabões sem mais nada para aldrabar.

O ar era abafado e muito quente, as conversas dispersas e confidenciais. Por entre a luz suja, vários olhares concentraram-se em Eve e depois rapidamente foram desviados.

Mesmo sem a farda de Peabody a seu lado, notava-se que ela era polícia. Eles tê-lo-iam reconhecido na sua postura, no corpo esguio em alerta, os olhos castanhos-claros firmes, concentrados e inexpressivos ao assimilar caras e detalhes.

Só os inexperientes teriam visto apenas uma mulher de cabelo castanho curto, cortado um tanto irregularmente, uma cara magra com ângulos definidos e uma cova superficial no queixo. A maioria dos frequentadores do The Brew era experiente e topava logo um polícia.

Ela viu Ratso, a sua cara de roedor pontiaguda quase enfiada na caneca a sugar cerveja. Ao caminhar até à mesa dele, Eve ouviu algumas

cadeiras serem arrastadas timidamente para longe e viu mais do que um par de ombros a encurvar-se defensivamente.

Todos somos culpados de alguma coisa, pensou ela, e enviou a Ratso um sorriso rasgado destemido. — Este lugar não muda, Ratso, nem tu.

Ele ofereceu-lhe a sua risada chiada, mas o seu olhar dançou nervosamente pela farda impecável de Peabody. — Não era preciso trazer reforços, Dallas. Chiça, Dallas, julgava que éramos amigos.

— Os meus amigos tomam banho regularmente. — Eve desviou a cabeça na direção de uma cadeira para Peabody se sentar e depois sentou-se ela também. — Ela é minha auxiliar — disse Eve, simplesmente.

— Sim, ouvi dizer que andava a treinar um cachorrinho. — Ele tentou sorrir, expondo o seu desagrado por higiene dental, mas Peabody reagiu com um olhar sereno. — Ela é porreira, sim, é porreira porque é sua auxiliar. Eu também sou seu auxiliar, não sou, Dallas? Não sou?

— Olha que sorte a minha. — Quando a empregada se dirigiu à mesa deles, Eve limitou-se a dirigir-lhe um olhar que a fez mudar de direção e deixá-los em paz. — O que tens para mim, Ratso?

— Tenho umas cenas boas e posso arranjar mais. — A sua cara infeliz rasgou um sorriso de orelha a orelha que ele deveria considerar cauteloso, deduziu Eve. — Se pudesse contar com alguns créditos…

— Eu não pago por conta. Por conta de poder não ver a tua fronha feia durante mais seis meses.

Ele voltou a respirar ruidosamente, emborcou cerveja e lançou-lhe um olhar esperançoso com os seus olhos pequenos e rasos de água. — Eu ponho todas as cartas na mesa consigo, Dallas.

— Então, começa a pô-las.

— Está bem, está bem. — Ele inclinou-se para a frente, curvando o seu corpo magricela sobre os restos de cerveja na caneca. Eve conseguiu ver um círculo perfeito do crânio, nu como o rabo de um bebé, na coroa da sua cabeça. Era quase enternecedor e certamente mais atraente do que os fios sebosos de cabelo da cor de pasta que dele pendiam. — Conhece o Arranjas, não conhece? Não conhece?

— Claro. — Ela recostou-se um pouco, não tanto para se descontrair, mas para escapar ao bafo bastante desagradável do seu informador. — Ele ainda anda por cá? Caramba, deve ter uns cento e cinquenta anos.

— Não, não era assim tão velho. Era capaz de ter uns noventa e poucos e era vivaço. O Arranjas era vivaço, não há dúvida. — Ratso acenou entusiasticamente com a cabeça e fez saltar os fios sebosos. — Cuidava-se

bem. Fazia uma alimentação saudável, fazia sexo regularmente com uma das miúdas da B Avenue. Dizia que o sexo mantinha a mente e o corpo em boa forma.

— Eu que o diga — murmurou Peabody, o que lhe valeu um olhar moderado de Eve.

— Estás a falar no pretérito imperfeito.

Ratso pestanejou. — Como?

— Aconteceu alguma coisa ao Arranjas?

— Sim, mas espere, estou a pôr o carro à frente dos bois. — Espetou os dedos magros na tigela pouco funda de nozes de aspeto miserável. Mastigou-as com os dentes que lhe restavam enquanto olhava para o teto e realinhou os seus pensamentos facilmente dispersos. — Há cerca de um mês, eu recebi… Eu tinha uma unidade de ecrã de visualização que precisava de ser arranjada.

As sobrancelhas de Eve arquearam-se sob a sua franja. — Para não ser identificada — disse ela moderadamente.

Ele arquejou e sorveu ruidosamente. — Sabe, deixaram-na cair e eu levei-a ao Arranjas para ele lhe dar um jeito. É que o tipo é um génio, não é? Não há nada que nas mãos dele não fique como novo.

— E é tão inteligente a forma como consegue mudar números de série.

— Sim, pois. — O sorriso de Ratso era quase meigo. — Começámos a falar e o Arranjas sabia que eu ando sempre à cata de biscates. E disse-me que tinha um trabalho. Um trabalho grande. Muito simples. Mandaram-lhe fazer cronómetros, controlos remotos e dispositivos pequenos, merdas dessas. Também fez bombas.

— Disse-te que estava a fazer explosivos?

— Bem, nós éramos mais ou menos amigos e, sim, ele disse-me. Disse que eles souberam que ele costumava fazer esse tipo de cenas no Exército. E eles pagavam-lhe bem.

— Quem é que pagava?

— Não sei. Acho que ele também não sabia. Disse que dois tipos iam a casa dele e lhe davam uma lista de coisas e alguns créditos. E depois fazia a cena, entende? A seguir, telefonava para um número que lhe davam e deixava mensagem. Só tinha de dizer que os produtos estavam prontos e os dois tipos voltavam, levavam as coisas e davam-lhe o resto do dinheiro.

— Ele sabia qual era a finalidade dessas coisas?

Ratso elevou os seus ombros ossudos e depois olhou com pena para a sua caneca vazia. Sabendo o que a casa gastava, Eve levantou um dedo e depois indicou o copo de Ratso. Ele espevitou de imediato.

— Obrigado, Dallas. Obrigado. Fico com a garganta seca, entende? Fica-me seca enquanto falo.

— Nesse caso, sê direto, Ratso, enquanto ainda tens saliva na boca.

Ele ficou radiante quando a empregada se aproximou para deitar um líquido da cor de urina na caneca. — Está bem, está bem. Ele disse que achava que se calhar os tipos queriam assaltar um banco, uma joalharia, qualquer coisa assim. Estava a fazer-lhes uma unidade de derivação e ele deduziu que os cronómetros e controlos remotos faziam explodir as bombas que ele lhes fazia. Disse que eles podiam querer um gajo que soubesse mover-se no subsolo. Que ia falar-lhes de mim.

— Para que servem os amigos?

— Sim, isso mesmo. Depois, há duas semanas, recebi um telefonema dele. Estava todo passado. Disse-me que o esquema não era o que ele imaginara. Que era uma cena má. Muito má. Não dizia coisa com coisa. Nunca tinha ouvido o velho Arranjas assim. Estava mesmo cheio de medo. Disse qualquer coisa sobre Arlington e que precisava de desaparecer do mapa durante uns tempos. Perguntou se podia ficar comigo até decidir o que devia fazer a seguir. E eu disse-lhe que sim, não havia problema, para ele vir. Mas ele nunca apareceu.

— Talvez se tenha escondido noutro local.

— Sim, lá isso escondeu-se. Tiraram-no do rio há uns dois dias. Do lado de Jérsia.

— Lamento sabê-lo.

— Sim. — Ratso fez uma cara melancólica sobre a sua cerveja. — Ele era porreiro, sabe? Ouvi dizer que lhe cortaram a língua. — Ele elevou os seus olhinhos pequenos e fixou-os chorosamente em Eve. — Que tipo de pessoa faz isso?

— São maus negócios, Ratso. Gente má. O caso não é meu — acrescentou ela. — Posso dar uma vista de olhos no ficheiro, mas não há muito que possa fazer.

— Eles mataram-no porque ele descobriu o que eles iam fazer, não foi? Não foi?

— Sim, eu diria que faz sentido.

— Portanto, tem de descobrir o que eles iam fazer, não é? Descubra,

Dallas, detenha-os e castigue-os por matarem assim o Arranjas. Você é agente de Homicídios e eles mataram-no.

— Não é tão simples assim. O caso não é meu — disse ela novamente. — Se o tiraram do rio em Nova Jérsia, nem sequer é a minha cidade, porra. Os polícias que estão a tratar do caso provavelmente não vão gostar que eu meta o bedelho na investigação deles.

— Acha que a maioria dos polícias se interessaria alguma coisa pelo Arranjas?

Ela quase suspirou. — Há muitos polícias que se interessam. Muitos que se esfalfarão para tentar solucionar o caso, Ratso.

— Você vai esfalfar-se mais — disse ele simplesmente, quase com uma fé infantil nos olhos. E Eve sentiu a sua consciência ficar inquieta. — E eu posso descobrir cenas para lhe dizer. Se o Arranjas falava um pouco comigo, talvez também falasse com outra pessoa. Ele não se assustava com facilidade. Passou pelas Guerras Urbanas. Mas estava muito assustado quando me telefonou nessa noite. Não o mataram assim só porque iam assaltar um banco.

— Talvez não. — Mas ela sabia que havia alguns que esventravam um turista por uma unidade de pulso e um par de botas de motociclista aéreo. — Eu vou averiguar isso. Mas não te posso prometer. Se descobrires mais alguma coisa, contacta-me.

— Sim, está bem. Combinado. — Ele sorriu para Eve. — Vai descobrir quem matou assim o Ratso. Os outros polícias não sabiam das merdas em que ele andava metido, não é? Por isso, eu dei-lhe dados bons.

— Sim, bastante bons, Ratso. — Ela levantou-se, tirou créditos do seu bolso e colocou-os na mesa.

— Quer que saque o ficheiro deste afogado? — perguntou Peabody quando saíram para a rua.

— Sim, basta para amanhã. — Quando voltaram a entrar no veículo, Eve enfiou as mãos nos bolsos. — E verifica também o termo Arlington. Procura edifícios, ruas, cidadãos, negócios, esse tipo de coisas que tenha esse nome. Se encontrarmos alguma coisa, entregamos ao agente investigador.

— Este tal Arranjas, ele era informador de alguém?

— Não. — Eve sentou-se atrás do volante. — Detestava polícias. — Por um momento, Eve franziu as sobrancelhas e bateu com os dedos. — O Ratso tem um cérebro do tamanho de um feijão de soja, mas num aspeto tem razão. O Arranjas não se assustava com facilidade e era ganancioso.

Tinha a loja dele aberta sete dias por semana e trabalhava lá sozinho. Dizem que tinha a sua arma antiga do tempo do Exército sob o balcão e uma faca de caça. Gabava-se de conseguir cortar um homem em postas tão depressa como cortava uma truta.

— Devia ser um tipo muito divertido.

— Era duro e amargurado, e mais depressa mijava para cima de um polícia do que olhava para ele. Se queria safar-se do negócio em que se metera, era porque devia ser muito pesado. São pouquíssimas as coisas que o afastariam.

— Que barulho é este que estou a ouvir? — Inclinando a cabeça, Peabody pôs uma mão em forma de concha junto à sua orelha. — Deve ser o barulho da tenente a cair na cantiga.

Eve saltou para a rua com mais força do que a necessária. — Cala-te, Peabody.

Ela faltou ao jantar, o que era apenas ligeiramente irritante. O facto de estar certa acerca do advogado da Procuradoria-Geral e do acordo de Lisbeth Cooke era simplesmente revoltante. *Pelo menos*, pensou Eve à medida que entrava em casa, *o paspalho podia ter aguentado o pedido de homicídio simples durante mais algum tempo.*

Agora, poucas horas depois de Eve a ter detido pela morte de um tal J. Clarence Branson, Lisbeth estava em liberdade após pagar caução e provavelmente estaria confortavelmente sentada no seu apartamento com um copo de clarete e um sorriso gozão na cara.

Summerset, o mordomo de Roarke, entrou no *foyer* para a receber com um olhar ameaçador e rígido de desaprovação. — Para não variar, chegou bastante tarde.

— Ai sim? E você, para não variar, continua muito feio. — Ela largou o blusão sobre o pilar principal das escadas. — A diferença é que amanhã eu posso chegar a horas.

Ele reparou que Eve não parecia pálida nem cansada, dois sinais precoces de excesso de trabalho. Summerset preferia sofrer o pior dos tormentos a admitir, até para si mesmo, que esse facto lhe agradava.

— Roarke — disse ele em tons frígidos quando ela passou por si e começou a subir as escadas — está na sala de vídeo. — A sobrancelha de Summerset arqueou-se ligeiramente. — Segundo piso, quarta porta à direita.

— Eu sei onde fica — resmungou Eve, ainda que não fosse totalmente verdade. Mas ela acabaria por encontrá-la, apesar de a casa ser enorme, um labirinto de quartos, tesouros e surpresas.

O homem não se privava de nada, pensou ela. Porque haveria de se privar? Em criança não tivera nada e conquistara, de uma forma ou de outra, todos os confortos que agora tinha à sua disposição.

Mas mesmo um ano depois, não estava habituada à casa, ao enorme edifício de pedra com as suas sacadas e torres, e o terreno com um jardim luxuriante. Não estava habituada à riqueza, deduziu ela, nunca estaria. Nunca se habituaria ao poder financeiro que proporcionava hectares de madeira polida, vidro reluzente, arte de outros países e séculos, bem como os prazeres simples de tecidos macios e almofadas fofas.

A verdade é que se casara com Roarke apesar do dinheiro, apesar de como este conseguira grande parte da sua riqueza. Apaixonara-se por ele tanto pelo seu lado mau como pelo seu lado bom, deduziu Eve.

Entrou na sala com os seus sofás compridos e luxuosos, ecrãs de parede enormes e o complexo centro de controlo. Havia um bar encantadoramente antiquado, de cerejeira luzidia, com bancos de pele e bronze. Um armário trabalhado com uma porta arredondada tinha, lembrava-se Eve vagamente, inúmeros discos de vídeos antigos de que o seu marido tanto gostava.

O chão polido estava coberto com tapetes de padrões elaborados. Uma fogueira bem quente, pois Roarke não queria cá imagens geradas por computador, enchia a lareira de mármore negro e aquecia o gato gordo que dormia enroscado à frente dela. O cheiro da madeira a estalar fundia-se com o odor exótico de flores que se projetavam de uma jarra de cobre quase tão grande como ela e com a fragância das velas a brilhar em tom dourado sobre a lareira luminosa.

No ecrã via-se uma festa elegante formal.

Mas era o homem confortavelmente estendido no sofá faustoso, com um copo de vinho na mão, que chamava a atenção.

Por muito românticos e sensuais que fossem aqueles vídeos antigos de sombras atmosféricas, por muito misteriosos que fossem os seus tons, o homem que os via era-o ainda mais. E era-o a três dimensões.

Trazia um *smoking* vestido com o colarinho da camisa branca informalmente desabotoado. Ao fundo das suas longas pernas vestidas com calças pretas, os pés estavam descalços. Porque achava aquilo tão intensamente sensual, não sabia, pensou ela.

Mas era sempre a cara dele que a atraía, aquela cara gloriosa de um anjo a cair no inferno com a luz do pecado nos seus olhos azuis vívidos e um sorriso a curvar-lhe a boca poética. Aquela era emoldurada por um cabelo negro bem arranjado que lhe chegava quase aos ombros. Uma tentação para os dedos e punhos de qualquer mulher.

Apercebeu-se nesse momento, como era costume, de que começara a apaixonar-se por ele assim que vira aquela cara. No ecrã do computador no gabinete dela, durante a investigação de um homicídio. Quando ele fazia parte da sua pequena lista de suspeitos.

Há um ano, apercebeu-se ela. Fora há apenas um ano que as suas vidas se tinham cruzado. E tinham sido irrevogavelmente mudadas.

Nesse momento, apesar de ela não fazer qualquer barulho, de não se aproximar, ele voltou a cabeça. O olhar dele cruzou-se com o de Eve. E Roarke sorriu. O coração dela deu uma volta longa e lenta no peito, continuando a espantá-la e embaraçá-la.

— Olá, tenente. — Roarke estendeu uma mão em jeito de boas-vindas.

Eve foi ter com ele e deixou que os seus dedos se entrelaçassem com os dele. — Olá. O que estás a ver?

— *Dark Victory*. Bette Davis. Ela fica cega e morre no final.

— Mas que treta.

— Mas ela fá-lo corajosamente. — Roarke puxou-a ligeiramente pela mão até Eve se sentar no sofá com ele.

Quando ela se estendeu, quando o seu corpo se curvou fácil e naturalmente contra o corpo dele, Roarke sorriu. Fora preciso muito tempo e confiança entre ambos para a convencer a descontrair daquela forma. Para que Eve o aceitasse a ele e ao que ele precisava de lhe dar.

Era a sua agente de polícia, pensou ele ao brincar com o cabelo de Eve, com os seus recantos obscuros e coragem tremenda. Era a sua esposa, com os seus nervos e necessidades.

Roarke ajeitou-se, satisfeito quando ela pousou a cabeça no ombro dele.

Já agora, Eve decidiu que seria ótima ideia tirar as botas e beber um gole do copo de vinho dele. — Porque estás a ver este vídeo antigo se já sabes como acaba?

— O que interessa é até lá chegar. Jantaste?

Ela fez um som de negação e devolveu-lhe o vinho. — Vou comer qualquer coisa daqui a pouco. Estive agarrada a um caso que apareceu mesmo antes do final do turno. Uma mulher pregou um tipo à parede com o berbequim dele.

Roarke engoliu o vinho com dificuldade. — Literal ou metaforicamente?

Ela soltou um risinho, desfrutando do vinho consoante trocavam o copo entre si. — Literalmente. Um *Branson 8000*.

— Arre.

— Pois é.

— Como sabes que foi uma mulher?

— Porque depois de o pregar à parede, chamou a Polícia e esperou por nós. Eram amantes, ele andava com outras, por isso, ela enfiou-lhe uma broca de aço de sessenta centímetros pelo coração traidor.

— É para ele aprender. — A Irlanda vagueou pela voz dele como uísque e levou-a a inclinar a cabeça para olhar para Roarke.

— Ela foi-lhe ao coração. Eu cá tinha-lhe furado os tomates. É mais direto, não achas?

— Querida Eve, és uma mulher muito direta. — Roarke baixou a cabeça para tocar os lábios dela com os dele, uma vez e depois outra.

A boca de Eve aqueceu, as mãos ergueram-se, agarrando-lhe o cabelo espesso e negro para o aproximar de si. Para o levar mais fundo. Antes que ele conseguisse mexer-se para pousar o vinho, ela pôs-se em cima dele, derrubando o copo para o chão ao imobilizá-lo.

Ele arqueou uma sobrancelha e os seus olhos reluziram, enquanto usava os dedos ágeis para lhe desabotoar a camisa. — Acho que também já sabemos como isto acaba.

— Sim. — Com um sorriso, ela dobrou-se para lhe morder o lábio inferior. — Vejamos como chegamos lá desta vez.

Capítulo 2

Eve resmungou com o seu *link* de secretária após terminar a conversa com o gabinete da Procuradoria-Geral. Tinham aceitado a classificação de homicídio simples no caso de Lisbeth Cooke.

Homicídio simples, pensou ela com repulsa, para uma mulher que tirara uma vida sem piedade, nem misericórdia, porque um homem não conseguia controlar a pila.

No máximo cumpriria um ano numa prisão de segurança mínima, onde pintaria as unhas e melhoraria o seu serviço no ténis. Muito provavelmente assinaria um acordo para fazer um disco e um vídeo sobre a história por uma quantia considerável, reformar-se-ia e mudar-se-ia para Martinica.

Eve tinha noção de que mandara Peabody aceitar o que conseguisse, mas nem ela esperava tão pouco.

Ia deixar que o assistente do advogado da Procuradoria-Geral — e Eve dissera-o ao anormalzinho desprezível por palavras curtas e veementes — dissesse aos parentes mais próximos por que razão a Justiça estava demasiado ocupada para se importar, por que tivera tamanha pressa em fazer acordo que nem sequer esperara que Eve acabasse o relatório.

Ela cerrou os dentes e bateu com um punho contra o seu computador em antecipação do comportamento errático e solicitou o relatório do paramédico relativo a Branson.

Fora um homem saudável de cinquenta e um anos, sem quaisquer

problemas de saúde. O corpo não tinha quaisquer marcas ou lesões, a não ser o orifício medonho feito pela broca de um berbequim.

Eve reparou que não tinha drogas nem álcool no organismo. Não havia indício de atividade sexual recente. O conteúdo do estômago revelava uma última refeição simples de massa de cenoura e ervilhas com um molho de natas leve, pão de trigo e chá de ervas ingerido menos de uma hora antes de morrer.

Uma refeição bastante sensaborona, concluiu Eve, para tal garanhão.

E quem mais dissera que ele era um garanhão, senão a mulher que o matara?, interrogou-se Eve. Com tanta pressa para despachar trabalho, não lhe tinham dado tempo para verificar o motivo da porcaria do homicídio simples.

Quando a comunicação social soubesse da notícia, o que era inevitável, Eve deduziu que muitos parceiros sexuais insatisfeitos iriam começar a arregalar o olho ao armário das ferramentas.

O seu amante chateou-o?, pensou ela. *Pois então veja se ele gosta de levar com o* Branson 8000*, a escolha de profissionais e amadores sérios.* Pois sim, Eve pensou que Lisbeth Cooke conseguiria uma campanha publicitária toda catita com essa frase. As vendas iriam disparar.

As relações deviam ser a forma de entretenimento mais confusa e brutal da sociedade. Em comparação com a maioria das relações, uma final de futebol de arena parecia um baile de salão. Ainda assim, as almas solitárias insistiam em procurá-las, em agarrar-se a elas, lutar por elas e chorar a sua perda.

Não admirava que o mundo estivesse cheio de malucos.

O brilho da aliança de casamento de Eve chamou a sua atenção e fê-la pestanejar. Aquilo era diferente, garantiu a si mesma. Não procurara nada. Aquela relação encontrara-a, derrubara-a com uma pancada forte atrás dos joelhos. E se Roarke alguma vez decidisse que queria acabar a relação, ela provavelmente deixá-lo-ia viver.

Todo partido.

Completamente desagradada, voltou-se para a sua máquina e começou a martelar as teclas, introduzindo o relatório de investigação com o qual o gabinete da Procuradoria-Geral aparentemente não se queria incomodar.

Eve olhou para cima quando o inspetor da Eletrónica Ian MacNab meteu a cabeça pela porta. O seu cabelo comprido dourado hoje estava entrançado e apenas um caracol iridescente lhe tocava no lóbulo da

orelha. Obviamente para compensar o toque conservador, trazia uma camisola grossa em tons azuis e verdes berrantes que lhe chegava às ancas e tapavam as calças justas pretas. Botas azuis reluzentes completavam o visual.

McNab sorriu para ela, os seus olhos verdes ousados numa cara bonita. — Dallas, já acabei de verificar as ligações da vítima e o bloco de memorandos pessoal. Acabou de chegar o material do escritório dele, mas deduzi que gostaria de saber o que já descobri.

— Então porque ainda não tenho o teu relatório na minha secretária? — perguntou ela, secamente.

— Resolvi trazê-lo pessoalmente. — Com um sorriso amistoso, largou um disco sobre a secretária de Eve e depois sentou o rabo no canto.

— A Peabody está a verificar alguns dados a meu pedido, McNab.

— Sim. — Ele mexeu os ombros. — Ela está no cubículo dela?

— Ela não tem qualquer interesse em ti, vê lá se percebes.

Ele voltou a mão e examinou as unhas com um olhar crítico. — Quem disse que estou interessado nela? Ela ainda anda com o Monroe?

— Não falamos acerca disso.

Os olhos de Ian cruzaram-se por breves instantes com os de Eve e partilharam um momento de vaga desaprovação que nenhum deles gostava de demonstrar em relação ao envolvimento contínuo de Peabody com um acompanhante registado manhoso, ainda que atraente. — Só estava a perguntar por curiosidade.

— Pergunta-lhe tu mesmo. — *E depois conta-me tudo*, acrescentou ela para si mesma.

— Eu pergunto. — McNab voltou a sorrir. — Assim ela tem oportunidade de me mostrar os dentes. Tem uns dentes lindos.

Ele levantou-se, andando às voltas pelo cubículo atafulhado que era o gabinete de Eve. Ambos teriam ficado espantados por perceber que as suas opiniões acerca das relações, de momento, eram muito coincidentes.

A relação escaldante de McNab com uma comissária de bordo interplanetária arrefecera e azedara na noite anterior. Ela aborrecera-o, pensava agora, o que deveria ser impossível já que expusera os seus peitos verdadeiramente magníficos sob uma *lingerie* transparente e prateada.

Ele não conseguira sentir qualquer entusiasmo porque os seus pensamentos iam sempre dar ao aspeto de uma certa agente irritadiça de farda engomada.

Que raio usaria ela debaixo daquilo?, pensava ele agora, tal como

infelizmente divagara na noite anterior. Essa especulação levara-o a acabar mais cedo o encontro, aborrecendo de tal forma a comissária de bordo que quando McNab voltou a si — como sabia que voltaria —, percebeu que nunca mais teria a oportunidade de agarrar aqueles peitos lindos.

Concluiu que passava demasiadas noites sozinho a ver televisão.

Por falar nisso…

— Ontem à noite vi o vídeo da Mavis no ecrã. Bestial.

— Sim, é muito bom. — Eve pensou na amiga que fazia a primeira digressão de promoção do seu álbum para a empresa de entretenimento de Roarke, a cantar até que a voz lhe doesse em Atlanta. Mavis Freestone, pensou Eve emocionada, dificilmente iria soltar notas para bêbedos e drogados de espeluncas como o Blue Squirrel.

— O disco está a começar a fazer sucesso. Roarke acha que vai chegar ao Top Vinte na semana que vem.

McNab agitou fichas de crédito que trazia no bolso. — Vamos poder dizer que a conhecíamos quando não era famosa.

Eve achou que ele estava a empatar e ela estava a permiti-lo. — Acho que Roarke está a planear uma festa para quando ela voltar.

— Boa, ótimo. — Depois endireitou-se perante o som inconfundível de sapatos de polícia a bater no linóleo gasto. McNab tinha as mãos nos bolsos e um olhar de puro desinteresse na cara quando Peabody entrou pela porta.

— A Polícia de Nova Jérsia entregou… — Ela parou e fez uma cara carrancuda. — O que queres, McNab?

— Orgasmos múltiplos, mas vocês ficaram com esse privilégio.

Uma gargalhada borbulhou na sua garganta, mas Peabody controlou-a. — A tenente não tem tempo para as tuas piadas ridículas.

— Na verdade, a tenente até gostou desta — disse Eve para depois revirar os olhos quando Peabody olhou para ela. — Desanda, McNab, acabou-se o recreio.

— Só achei que gostaria de saber — continuou ele — que, ao verificar os blocos de memorandos e ligações do falecido, não encontrei quaisquer chamadas feitas ou recebidas de uma mulher que não fosse a agressora ou do pessoal do gabinete dele. Não aparecem encontros marcados no registo dele como *casos amorosos* — disse ele, desdobrando a palavra com um sorriso irónico dirigido a Peabody —, exceto o caso amoroso com Lisbeth Cooke, a quem frequentemente se referia como *Lissy Adorada*.

— Não há registo de outra mulher? — Eve contraiu os lábios. — E de outro homem?

— Não, não há qualquer encontro marcado e não há indícios de que fosse bissexual.

— Interessante. Verifica os registos do escritório, McNab. Será que a *Lissy Adorada* mentiu sobre o motivo e, se mentiu, porque o matou?

— Vou já tratar disso. — Ao sair, McNab fez uma breve pausa para mandar um beijo sonoro e exagerado a Peabody.

— É mesmo paspalho.

— Talvez ele te irrite, Peabody…

— Não há cá talvez nenhum.

— Mas ele foi inteligente o suficiente para perceber que o relatório dele poderia alterar algumas perspetivas deste caso.

A ideia de McNab meter o bedelho num caso dela, outra vez, deixava Peabody com os cabelos em pé. — Mas o caso Cooke está encerrado. A homicida confessou, foi acusada, detida e a caução foi definida.

— A acusação é de homicídio simples. Se não foi crime passional, talvez conseguisses uma acusação mais grave. Vale a pena saber se o Branson andava a pular a cerca ou se ela inventou isso para encobrir outro motivo. Vamos passar pelo escritório dele hoje ao final do dia para fazer algumas perguntas. Entretanto… — Eve abanou os dedos enrolados em direção ao disco que Peabody ainda segurava.

— O relatório primário do Inspetor Sally — começou Peabody a dizer quando entregou o disco a Eve. — Ele não tem qualquer problema em colaborar. Basicamente porque não tem nada. O corpo esteve no rio pelo menos trinta e seis horas até ser descoberto. Não há testemunhas. A vítima não trazia qualquer dinheiro ou créditos, mas tinha identificação e cartões de crédito. Usava uma unidade de pulso, uma imitação boa da Cartier, daí que Sally tenha posto de lado a hipótese de assalto, ainda mais quando a autópsia relevou que ele não tinha língua.

— Já é uma pista — murmurou Eve e introduziu o disco numa ranhura da sua unidade.

— O relatório do médico-legista indica que a língua foi cortada com uma lâmina dentada antes de a vítima morrer. Contudo, as lacerações e hematomas na nuca e a inexistência de indícios de tentativa de defesa indicavam que a vítima terá levado uma pancada e perdido os sentidos antes da cirurgia improvisada para depois ser atirada ao rio. Ataram-lhe as mãos e pés antes de a atirarem. A causa da morte oficial é afogamento.

Eve bateu com os dedos na mesa. — Há algum motivo para eu me dar ao trabalho de ler este relatório? — perguntou ela e esboçou um sorriso.

— O Inspetor Sally foi prestável. Duvido que ele desse luta se você quisesse ficar com o caso. Ele realçou que como a vítima vivia em Nova Iorque, pode ter sido morto aqui ou do outro lado do rio.

— Não vou ficar com o caso, estou só a ver. Verificaste Arlington?

— Tudo o que encontrei está no lado B do disco.

— Está bem. Dou-lhe uma vista de olhos quando formos ao escritório do Branson.

Eve semicerrou os olhos quando um homem alto e desengonçado, de calças de ganga gastas e uma *parka* antiga, hesitava em entrar pela porta. Com vinte e poucos anos, deduziu ela, com uma inocência tão declarada nos seus olhos de um tom cinza deslumbrante que ela já ouvia os ladrões e trapaceiros de rua a fazer fila para lhe roubarem tudo.

Tinha uma cara magra e ossuda que Eve associava a mártires ou académicos, e cabelo castanho apanhado num rabo de cavalo bem feito, com madeixas do sol.

O sorriso dele era lento e tímido.

— Procura alguém? — começou Eve. Perante a pergunta, Peabody voltou-se, abriu a boca e depois soltou o que só poderia ser chamado de guincho.

— Olá, Dee. — A voz dele tremeu, como se raramente falasse.

— Zeke! Uau, *Zeke*! — Ela deu um salto acrobático e saltou para uns braços longos e acolhedores.

Eve levantou-se lentamente ao ver Peabody de farda impiedosamente passada com os seus sapatos de polícia suspensos a alguns centímetros do chão enquanto se ria — era a única palavra que descrevia o som — e premia beijos de alegria na face longa de um homem que a agarrava.

— O que fazes aqui? — perguntou Peabody. — Quando chegaste? Que bom ver-te. Quanto tempo podes ficar?

— Dee — foi a única coisa que ele proferiu e içou-a mais um pouco para premir os lábios contra a face dela.

— Peço desculpa. — Bem ciente de como facilmente os boatos corriam na unidade, Eve avançou. — Agente Peabody, sugiro que tenha esta reunião no seu horário pessoal.

— Peço desculpa. Põe-me no chão, Zeke. — Mas ela manteve possessivamente um braço a agarrá-lo mesmo quando pousou os pés no chão. — Tenente, este é o Zeke.

— Até aí, já eu percebi.

— É o meu irmão.

— Ai sim? — Eve voltou a olhar, em busca de semelhanças. Não encontrou nenhuma, o tipo de corpo, tom de pele, os traços. — Prazer em conhecê-lo.

— Não queria interromper. — Zeke corou um pouco e estendeu uma mão enorme. — A Dee tem muitas coisas boas a dizer sobre si, tenente.

— Folgo em sabê-lo. — Eve deu com a sua mão perdida no meio de outra tão dura como granito e tão macia como seda. — Qual deles é?

— O Zeke é o bebé — disse Peabody com tamanha admiração que Eve não resistiu a sorrir.

— Grande bebé. Mede quanto, um metro e noventa e sete?

— E meio — disse ele com um sorriso tímido.

— Sai ao nosso pai. São os dois altos e magros. — Peabody deu um aperto valente ao irmão. — O Zeke faz peças em madeira. Faz mobílias e armários lindíssimos.

— Ora, Dee. — Se antes estava levemente ruborizado, agora corara completamente. — Sou apenas um carpinteiro. Tenho jeito com as ferramentas, só isso.

— Agora vê-se muito disso — murmurou Eve.

— Porque não me disseste que vinhas a Nova Iorque? — perguntou Peabody.

— Queria surpreender-te. Só há dois dias é que tive a certeza que vinha.

Ele passou a mão sobre o cabelo de Peabody de um modo que levou Eve a pensar novamente nas relações. Algumas delas não tinham a ver com sexo, poder ou controlo. Algumas tinham apenas a ver com amor.

— Umas pessoas que viram o meu trabalho em Arizona encomendaram-me uns armários por medida.

— Isso é ótimo. E vai demorar quanto tempo?

— Só saberei quando acabar.

— Está bem, então ficas em minha casa. Dou-te a chave e digo-te como chegas lá. Tens de apanhar o Metro. — Peabody mordeu o lábio. — Não andes por aí às voltas, Zeke. Isto não é como a nossa terra. E trazes o dinheiro e a identificação no bolso de trás porque…

— Peabody. — Eve ergueu um dedo para chamar a atenção. — Tira o resto do dia de folga, ajuda o teu irmão a instalar-se.

— Não quero causar incómodo — preferiu Zeke.

— Vai causar mais incómodo se ela estiver com receio de que você seja assaltado seis vezes antes de chegar ao apartamento dela. — Eve juntou um sorriso para atenuar, apesar de já ter decidido que ele tinha aspeto de alvo fácil. — Também não temos muito trabalho.

— O caso Cooke.

— Acho que consigo tratar disso sozinha — disse Eve, suavemente. — Se surgir alguma coisa, eu aviso-te. Vai mostrar as maravilhas de Nova Iorque ao Zeke.

— Obrigada, Dallas. — Peabody pegou na mão do irmão, jurando garantir que ele não veria o lado mais sórdido dessas maravilhas.

— Prazer em conhecê-la, tenente.

— Igualmente. — Eve viu-os sair, Zeke dobrando ligeiramente o corpo em direção a Peabody enquanto esta fervilhava de afeto fraterno.

Famílias, pensou Eve. Continuava a não as compreender. Mas era bom ver que ocasionalmente funcionavam…